

CRIAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Lei n.º 6 129 — de 6 de novembro de 1974 (Diário Oficial da União, 7-12-1974)

Dispõe sobre a transformação do Conselho Nacional de Pesquisas em Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e dá outras providências.

O Presidente da República.

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º É instituído, com personalidade jurídica de direito privado, sob a forma de fundação, vinculada à Secretaria de Planejamento da Presidência da República, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por transformação do Conselho Nacional de Pesquisas.

Art. 2.º O Conselho terá por finalidade auxiliar o Ministro de Estado Chefe da Secretaria de Planejamento no desempenho das atribuições que a este foram conferidas pelo artigo 7.º, item III, da Lei número 6 036, de 1.º de maio de 1974, principalmente quanto à análise de planos e programas setoriais de ciência e tecnologia e quanto à formulação e atualização da política de desenvolvimento científico e tecnológico, estabelecida pelo Governo Federal.

Parágrafo único. Para atender às suas finalidades, o CNPq poderá manter os Institutos subordinados ao Conselho Nacional de Pesquisas, bem como criar novos Institutos ou outros mecanismos.

Art. 3.º O Conselho terá sede e foro no Distrito Federal e reger-se-á por estatutos a serem aprovados por decreto, no prazo de 90 (noventa) dias, contados da data da publicação desta Lei.

Parágrafo único. O Conselho considerará-se instalado na data da publicação, no Diário Oficial, do ato de nomeação do respectivo dirigente, na conformidade dos estatutos.

Art. 4.º Constituirão patrimônio do Conselho:

- I — bens imóveis, móveis e instalações do Conselho Nacional de Pesquisas que sejam transferidos para a nova entidade;
- II — dotações consignadas no orçamento da União;
- III — receitas operacionais líquidas;
- IV — receitas patrimoniais líquidas;
- V — doações;
- VI — recursos de outras origens.

§ 1.º Não se aplica ao Conselho o disposto nas alíneas *a* e *b* do artigo 2.º do Decreto-lei número 900, de 29 de setembro de 1969.

§ 2.º O decreto que aprovar os estatutos do Conselho será acompanhado de relação contendo a discriminação e caracterização dos bens imóveis de que trata o item I deste artigo, a qual servirá de título para a transcrição destes no respectivo registro de imóveis.

Art. 5.º Fica autorizada a transferência, para o Conselho, de parcela das dotações consignadas ao Conselho Nacional de Pesquisas, no orçamento da União para o corrente exercício.

Art. 6.º O regime jurídico do pessoal do Conselho será o da legislação trabalhista.

Art. 7.º O Conselho poderá aproveitar integrantes do corpo técnico e administrativo do Conselho Nacional de Pesquisas.

§ 1.º Será computado, para o gozo dos direitos da legislação trabalhista e de previdência social, o tempo de serviço anteriormente prestado à Administração Pública pelos funcionários que forem aproveitados na forma do disposto neste artigo.

§ 2.º A contagem do tempo de serviço a que se refere o § 1.º far-se-á segundo as normas pertinentes ao regime estatutário, inclusive computando-se em dobro, para efeito de aposentadoria, os períodos de licença especial não gozada, cujo direito haja sido adquirido sob o mesmo regime.

§ 3.º A União custeará a parcela da aposentadoria correspondente ao tempo de serviço prestado sob o regime estatutário, mediante inclusão no orçamento, anualmente, de dotação específica em favor do INPS.

§ 4.º Os funcionários que não forem aproveitados nos termos deste artigo, ou que não optarem pelo regime da legislação trabalhista, integrarão Quadro Suplementar, a ser regulado por ato do Poder Executivo.

Art. 8.º O Poder Executivo adotará as providências necessárias à oportuna extinção do Conselho Nacional de Pesquisas.

Art. 9.º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 6 de novembro de 1974: 153.º da Independência e 86.º da República.

Ernesto Geisel

João Paulo dos Reis Velloso

XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA Esse conclave, que teve lugar na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no período de 27 de outubro a 2 de novembro de 1974, constituiu-se no último episódio ligado à primeira fase dos congressos nacionais, pois, doravante, estes terão uma nova estruturação, a começar pelo seu caráter bianual. Revestiu-se de pleno êxito, como bem o atestaram a sua eficiente organização e o número elevado de participantes, ao redor de 1 500. Cerca de 50 técnicos estrangeiros, provenientes sobretudo dos países limítrofes Uruguai e Argentina, estiveram presentes. O número de trabalhos inscritos, 350, marcou um novo recorde dentro do cenário nacional, sendo que, desse total, 280 foram efetivamente apresentados.

Os trabalhos foram reunidos em doze sessões técnicas — Geologia Regional (22), Geologia Econômica (21), Estratigrafia e Sedimentologia (20), Prospecção Mineral (18), Paleontologia (17), Geoquímica (17), Mineralogia (16), Tectônica e Geocronologia (15), Petrologia (13), Geologia Aplicada (12), Geomatemática (8) e Geomorfologia (3) —, cinco simpósios — Geologia do Quaternário (25), Geologia Marinha (22), Recursos Energéticos de Origem Mineral (18), Gemologia (17) e Geologia Regional (16) — e sete mesas-redondas — Carvão Gondwânico, Estratigrafia e Paleontologia do Mesozóico Sul-americano, Mapeamento Geológico Regional da Bacia Maranhão-Piauí (Paraná), Geologia Ambiental, Ensino de Geologia no Brasil, Problemas da Paleontologia Brasileira, e Problemática do Setor Empresarial na Política Mineral.

Treze conferências foram proferidas por especialistas brasileiros e estrangeiros especialmente convidados, enquanto que oito excursões, reunindo cerca de 220 participantes, tiveram lugar a diversos pontos de interesse geológico, principalmente do Estado do Rio Grande do Sul.

O evento foi amplamente prestigiado pelos órgãos governamentais e empresas privadas, tendo ainda recebido cobertura satisfatória por parte da imprensa de Porto Alegre.

Durante o transcurso da sessão inaugural, que contou com a presença de diversas autoridades locais, processou-se a entrega dos prêmios "Medalha de Ouro José Bonifácio de Andrada e Silva" e "Martelo de Prata", cabendo o primeiro ao Prof. Heinz Ebert, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, São Paulo, e o segundo aos geólogos Dr. Darcy Pedro Svisero e Dr. Ricardo Jorge Lobo Maranhão, respectivamente, dos Institutos de Geociências das Universidades de São Paulo e Federal de Pernambuco.

A exemplo dos anos anteriores, a realização do conclave somente foi possível graças à colaboração financeira prestada por entidades governamentais e companhias de mineração, com destaque especial para: Petróleo Brasileiro S/A (Petrobrás), Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Companhia Meridional de Mineração, Mineração Rio Xingu S/A (Shell) e Indústria e Comércio de Minérios S/A (Icomi).

A nota alegre do conclave foi proporcionada pelo Dia da Confraternização, programa de caráter social que reuniu cerca de 400 participantes e constou de churrasco, torneio de futebol de salão e exibição de folclore gaúcho.

A Comissão Organizadora, que tão bem desempenhou as suas funções, era composta pelos seguintes associados: Irajá Damiâni Pinto, Paulo Miranda de Figueiredo Filho, Zuleika C. Correa da Silva, Margot Guerra, Amneris Damiâni Cauduro, Pedro Ramos Bocchi, Hermenegildo Rosa, Luís Antônio Dubois Ferreira, Carlos Alfredo Bortoluzzi e Eros F. Gavronski. Na condição de coordenadores de setores diversos, muito contribuíram para o sucesso do evento os associados: Milton

L. L. Formoso, Hardy Jost, Oniro Mônaco, Yvonne T. Sanguinetti, Gerusa Duarte, Maria Ieda Burjack, Sônia Kotzian, Marly M. Falcetta, Ivone Purper, Lília Pinto de Ornellas e Marleni Marques Toigo. C. B. Gomes.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA De conformidade com o disposto nos Estatutos da Sociedade Brasileira de Geologia, teve lugar, em São Paulo, no dia 14 de dezembro de 1974, a eleição da nova Diretoria Executiva e Conselho Diretor, para o biênio 1975-1977. Essa eleição foi feita por um Colegiado composto de 40 membros — constituído para esse fim e contando com representantes de todos os núcleos regionais, dos três últimos ex-Presidentes da Sociedade e um representante da categoria dos coletivos — escolhido na primeira quinzena de outubro daquele ano, através de eleições parciais realizadas nos diversos núcleos. Compuseram o Colegiado os seguintes associados: *Núcleo da Bahia*, Benedicto Waldir Ramos (Pres.), Antônio Carlos Mota, Aroldo Misi, Hélio Carvalho Antunes de Azevedo e José Francisco Barreto Sobral; *Núcleo Centro-Oeste*, Carlos Oiti Berbert (Pres.), José Carlos Rodrigues de Melo e Reinhardt Adolfo Fuck; *Núcleo de Minas Gerais*, Marco Aurélio Guimarães (Pres.); *Núcleo Nordeste*, Alarico Antônio Frota Mont'Alverne (Pres.), Benjamin Bley de Brito Neves, Jannes M. Mabesoone e Vilma Alves Campanha; *Núcleo Norte*, Roberto M. Reis (Pres.), Antônio Monteiro de Jesus e José Lima da Costa; *Núcleo do Rio Grande do Sul*, Irajá Damiâni Pinto (Pres.), Clóvis Carlos Carraro e Yvonne T. Sanguinetti; *Núcleo do Rio de Janeiro*, José Raymundo de Andrade Ramos (Pres.) Admar Barcellos da Silva, Alúcio Castanho Maciel, Antônio Carlos Godoy, Haroldo Asmus, José Alúcio Paione, Patrick J. V. Delaney e Paulo Roberto Cruz; e *Núcleo de São Paulo*, José Vicente Valarelli (Pres.), Celso de Barros Gomes, Faustino Penalva, Francisco Rubens Alves, Kenitiro Suguio, Maria Helena Teixeira Mendes, Sérgio Mezzalira, Waldir Lopes Ponçano e Yociteru Hasui; *Três últimos ex-Presidentes*, Acyr Ávila da Luz, Irajá Damiâni Pinto e José Rodrigues Branco; *Representante dos Sócios Coletivos*, Centrais Elétricas de Furnas.

Com base nos resultados eleitorais, os órgãos diretivos da Sociedade ficaram assim constituídos:

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente — José Raymundo de Andrade Ramos
 Vice-Presidente — Reinhardt Adolfo Fuck
 1.º Secretário — Celso de Barros Gomes
 2.º Secretário — Yociteru Hasui
 1.º Tesoureiro — Kenitiro Suguio
 2.º Tesoureiro — Aroldo Misi

CONSELHO DIRETOR

Admar Barcellos da Silva	Antônio Carlos Mota
Aroldo Misi	Benjamin Bley de Brito Neves
Celso de Barros Gomes	Faustino Penalva
Irajá Damiâni Pinto	José Raymundo de Andrade Ramos
Kenitiro Suguio	Paulo Roberto Cruz
Reinhardt Adolfo Fuck	Roberto M. Reis
Vilma Alves Campanha	Yociteru Hasui
Yvonne T. Sanguinetti	

Ao término de seu XXVIII Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Sociedade Brasileira de Geologia conta com um total de 3 049 associados, assim distribuídos, pelas diversas categorias: sócios efetivos, 2 088; colaboradores, 149; estudantes, 726; coletivos, 74; patrocinadores, 8; e honorários, 4. Esse número, se comparado àquele fornecido por ocasião do encerramento do Congresso de Aracaju (2 683), evidencia um aumento do corpo associativo da ordem de 13%, a despeito da eliminação dos 220 associados com débito superior a dois anos. A distribuição atual dos sócios pelos oito núcleos é a seguinte: São Paulo, 754; Rio de Janeiro, 690; Bahia, 475; Nordeste, 318; Centro-Oeste, 213; Minas Gerais, 207; Norte, 192; e Rio Grande do Sul, 200.

Ao ensejo da outorga pela primeira vez, em 1975, de seu novo prêmio, a "Medalha de Ouro Pandiá Calógeras" (ver Noticiário, Vol. 4, n.º 2, de junho de 1974), julgou-se conveniente divulgar os nomes de todos os associados que, até então, foram agraciados com o prêmio "Medalha de Ouro José Bonifácio de Andrada e Silva", considerando-se que, de conformidade com a regulamentação aprovada, estes últimos são inelegíveis ao primeiro prêmio. A fim de tornar a informação mais completa possível, incluiu-se, também, a relação dos associados contemplados com o "Martelo de Prata".

Ano	"Medalha de ouro José Bonifácio de Andrada e Silva"		"Martelo de prata"
1958	Avelino Ignácio de Oliveira, Othon Henry Leonardos e Viktor Leinz		—
1959	Sylvio Fróes Abreu e Willian D. Johnston Jr.		—
1960	Elysiário Távora Filho		—
1961	Luciano Jacques de Moraes		—
1962	Glycon de Paiva		—
1963	Fernando Flávio Marques de Almeida e Josué Camargo Mendes		—
1964	Carlos de Paula Couto e John Van Nostrand Dorr II		—
1965	Wilhelm Kegel e Djalma Guimarães		—
1966	João José Bigarella e José Raymundo de Andrade Ramos		Grupo do Mapa Geológico da Guanabara (Joel Valença e Othon Henry Leonardos Jr.) e Grupo do Laboratório de Pesquisas Geocronológicas de São Paulo (Adolpho José Melfi, Koji Kawashita, Gilberto Amaral e Umberto G. Cordáni)
1967	Reinhard Maack		
1968	Octávio Barbosa		João Henrique Grossi Sad, Paulo Miranda de Figueiredo Filho e Antônio Carlos Rocha Campos
1969	Setembrino Petri		José Vicente Valarelli
1970	Pedro de Moura		Celso de Barros Gomes e Norma Maria da Costa
1971	Rui Ribeiro Franco		Yociteru Hasui e Juracy de Freitas Mascarenhas
1972	Karl Beurlen e Carlos Walter Marinho Campos		Benjamin Bley de Brito Neves, Eberhard Wernick e Eduardo Antônio Ladeira
1973	Irajá Damiâni Pinto e Francisco Moacyr de Vasconcellos		Reinhardt Adolfo Fuck
1974	Heinz Ebert		Ricardo Jorge Lobo Maranhão e Darcy Pedro Svisero

Cabe, ainda, lembrar que a Sociedade outorgará anualmente os prêmios "Medalha de Ouro José Bonifácio de Andrada e Silva", "Medalha de Ouro Pandiá Calógeras" e "Martelo de Prata" com uma dupla entrega, tendo lugar por ocasião dos congressos geológicos mencionados, que, doravante, terão um caráter bianual. (C. B. Gomes)

1975 INTERNATIONAL CLAY CONFERENCE Realizar-se-á de 16 a 23 de julho de 1975 na Cidade do México, DF, México, a Conferência Internacional de Argilas, organizada pela AIPE — Association Internationale pour l'Étude des Argiles.

Programa das sessões técnicas

- TS1 – Geologia e diagênese
- TS2 – Estrutura e química dos cristais
- TS3 – Geoquímica, gênese e síntese
- TS4 – Propriedades coloidais
- TS5 – Química das superfícies
- TS6 – Técnicas analíticas
- TS7 – Interação entre argilas e poluentes orgânicos e inorgânicos

Simpósios

- S1 – Caulim
- S2 – Zeólitas
- S3 – Mineralogia de argilas e estudo de solos
- S4 – Mineralogia de argilas e mecânica dos solos

Maiores informações podem ser obtidas com Pêrsio de Souza Santos, "Liason-Officer", no Brasil, da AIPEA – IPT, c.p. 7 141, São Paulo, Brasil.

"THE EARLY HISTORY OF THE EARTH" Realizou-se entre 5 e 11 de abril do corrente, na Universidade de Leicester, Inglaterra, a reunião científica sob esse título, sob os auspícios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e que foi acompanhada de excursões às ilhas Hébridas e à região de Scourie, norte da Escócia.

Compareceram cerca de 130 cientistas provenientes de universidades e serviços geológicos de 18 países, quase todos membros da OTAN, aparecendo como representação mais numerosa a do país-hospedeiro, seguida dos Estados Unidos e do Canadá, e menores contingentes da Austrália, da Dinamarca, da Islândia e da Noruega. O Brasil esteve representado pelos professores José Moacyr Vianna Coutinho e Celso de Barros Gomes, ambos do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo. Entre os nomes mais conhecidos internacionalmente foram registrados os de R. A. Binns, A. Y. Glikson e M. B. Katz, da Austrália; A. M. Goodwin, R. St J. Lambert, B. M. Gunn e D. M. Shaw, do Canadá; F. Kalsbeek, da Dinamarca; H. G. F. Winkler, da Alemanha; J. Sutton, B. F. Windley e S. Moorbath, da Inglaterra; J. V. Smith, P. Cloud, P. M. Hurley, K. C. Condie e K. K. Burke, dos Estados Unidos da América; e K. Heier, da Noruega.

O primeiro dia da reunião foi dedicado à discussão do sistema Terra-Lua. Os trabalhos apresentados parecem concordar em que a Terra e a Lua se formaram por acreção, como planetas separados. Após sua formação inicial, há 4,6 b.a., a Lua teria sofrido intensa diferenciação, nos primeiros 200 m.a., e bombardeamento de meteoritos em período culminante, entre 3,9 e 4,0 b.a. Seguiram-se erupções basálticas em mares, entre 3,1 e 3,9 b.a., após as quais registrou-se um período relativamente calmo.

Muito diferente teria sido a história inicial da Terra. A acreção neste planeta teria se dado durante e após a condensação de gás nebular. A energia de acreção e separação do núcleo, efetuada dentro do primeiro bilhão de anos, teria elevado a temperatura total da Terra 1 200 °C acima da de base, o que levou à quase total fusão superficial, expulsão de gases raros e transferência de U, Th e TR para a superfície.

Os três dias posteriores foram dedicados à discussão dos problemas de evolução da crosta terrestre, formação de terrenos gnáissicos de alto grau, cinturões de *greenstones* e tectônica do Arqueano. Os trabalhos abordaram a tectônica global e regional, geocronologia, metamorfismo e geoquímica de regiões comprovadamente arqueanas, tais como: cráton norte-atlântico, sudoeste groenlandês, província superior canadense, Labrador, Guianas, África Equatorial, Rodésia, Transvaal e Bostwana, Índia e oeste da Austrália. Essas áreas são caracteristicamente dominadas por gnaisses cinzentos tonalíticos metamorfoseados nas fácies anfíbolito e granulito, contendo restos de rochas supracrustais e básicos derivadas de complexos estratiformes, bem como se apresentam atravessadas por granitos posteriores, mais enriquecidos em K. Aos gnaisses tonalíticos, têm-se atribuído origens diversas: sedimentos recristalizados, gnaisses anteriores remobilizados, vulcânicas recristalizadas e tonalitos ígneos plutônicos, também recristalizados. A última idéia é favorecida por autores que imaginam, para as intrusões, processos de subducção em termos de tectônica de placas.

Em quase todas as áreas arqueanas do globo também se observa o desenvolvimento de cinturões de *greenstones*, complexos predominantemente básicos (até ultrabásicos: komatiitos) e, subsidiariamente, intermediários e ácidos, que separam núcleos siálicos arqueanos na forma de faixas irregulares. A opinião dominante sobre sua formação é a que considera a existência de uma primitiva crosta siálica, em cujas fraturas se encaixaram os *greenstones* procedentes do manto superior. Analisaram-se, também, as íntimas associações granulito-*greenstones* (2,7 b.a.) e granitos e gnaisses (3,0 b.a.) da maioria das áreas arqueanas do globo, assim como o chamado "paradoxo cratônico", isto é, as ligações íntimas entre rochas de alto e baixo graus, nessas áreas. Granitos e gnaisses formariam o embasamento para os quase sincrônicos granulitos e *greenstones*; os granulitos formando cinturões móveis lineares, sujeitos a metamorfismo de alta T, atividade ígnea e deformação intensa, refletindo zonas primitivamente fracas e de natureza dúctil e transformacional. A contradição metamórfica entre granulitos e *greenstones* associados se explicaria pela aplicação de modelo de tectônica de placas do tipo *transform ridge*. A ângulos altos das direções de lineamento transformacional, se espalhariam cristas e *rifts*, onde se localizariam crostas oceânicas básicas, precursoras dos *greenstones*. Os lineamentos transformacionais são dextrais e jamais se estabilizariam completamente na Austrália e na Índia. No hemisfério sul, desde a formação de *greenstones* e granulitos (2,6 b.a.) e protocrosta granítica e gnáissica (3,0 b.a.), episódios posteriores complicaram o padrão original, notadamente: abertura de bacias e novas faixas móveis transformacionais (1,4 a 1,6 b.a.), intrusões alcalinas e carbonatíticas e rejuvenescimento dessas faixas de falha (600 m.a.), formação de *rifts* gondwânicos ao longo dos lineamentos transformacionais (Fanerozóico), intensa reativação no Cretáceo Inferior, levando à fragmentação do Continente Gondwana, e extensos movimentos transformacionais dextrais, provocando cristas que controlaram a posição do Oceano Índico, da Austrália e da Antártica.

Foram também analisados os estágios e estilos de mineralização no Arqueano e sua localização nas grandes unidades da crosta primitiva.

Finalmente, revisaram-se os últimos dados sobre a evolução da atmosfera, hidrosfera e primeiras formas de vida arqueana. Concorde-se que a atmosfera arqueana pouco diferia da atual, no que tange ao conteúdo de CO_2 , mas o N_2 , os gases nobres e o O_2 se acumularam com o tempo, o último de origem fotossintética. Os oceanos estariam, no Arqueano, saturados de carbonato e sílica, mas a química restante, incluindo salinidade, pouco diferiria da atual. Há conflito de opiniões no que diz respeito ao estado de oxidação no sistema hidrosfera-atmosfera. Alguns autores supõem uma atmosfera arqueana redutora, rica de H_2 e substâncias como metana por exemplo. Essa idéia é frontalmente contraditada por argumentos geológicos; se tivesse existido tal atmosfera na Terra, encontrar-se-ia, nos sedimentos arqueanos, muito mais pirita, C, S, U e Fe do que na realidade se conhece.

Quanto aos indícios de vida arqueana, são eles raros e duvidosos para alguns, quando comparados com os do Proterozóico. Entretanto, um autor sustentou a origem biogênica de microestruturas na matéria orgânica preservada em *cherts* negros do Arqueano sul-africano (J. M. V. Coutinho e C. B. Gomes).

PROGRAMA INTERNACIONAL DE CORRELAÇÃO GEOLÓGICA Foi criada, pelo decreto n.º 74 687, de 14 de outubro de 1974, no Ministério das Minas e Energia, a Comissão Brasileira para o Programa Internacional de Correlação Geológica, promovido pela UNESCO e UICG. Essa Comissão é encarregada de planejar, coordenar e supervisionar as atividades a serem empreendidas no país, como contribuição ao referido programa.

Os membros designados foram: geólogo Diogenes de Almeida Campos, representante do Ministério das Minas e Energia; secretário Jayme Villa Lobos, representante do Ministério das Relações Exteriores; professor Fernando Flávio Marques de Almeida, representante do Conselho Nacional de Pesquisas; geólogo Oscar Gross Braun, representante da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais; geólogo Ângelo Vaz Sampaio, representante da Petróleo Brasileiro S/A; professor Reinhardt Adolfo Fuck, representante da Universidade de Brasília; professor Jorge Alberto Villwock, representante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professor Benjamin Bley de Brito Neves, representante da Universidade Federal de Pernambuco; professora Adelaide Mussi Santos, representante da Universidade Federal da Bahia; e professor Antônio Carlos Rocha-Campos, representante da Universidade de São Paulo.